



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

AUDIÊNCIA A PREFEITOS DA REGIÃO DA ALTA MOGIANA *

Palácio do Planalto
14 de janeiro

O Presidente José Sarney recebe um grupo de 178 políticos e empresários da Alta Mogiana (norte paulista), inclusive 59 prefeitos da região que é um exemplo de produtividade e eficiência para todo o Brasil.

13 de janeiro — O ministro Mailson da Nóbrega declara que é importante criar um clima de confiança e regras duradouras para que os empresários possam voltar a investir e criar novos empregos. O ministro defende a negociação da dívida externa, o retorno ao FMI como a maneira de atrair novos empréstimos, declarando-se disposto a aceitar a política de austeridade da instituição.

É com grande alegria, e, posso dizer, com emoção, que tenho a oportunidade de recebê-los nesta audiência, aqui no Palácio do Planalto, quando lideranças, as mais expressivas, de uma das regiões mais dinâmicas do nosso País, vêm trazer reivindicações, discutir problemas e apoiar o Presidente.

Esta visita tem também um sentido de confiança. E é com base nesta confiança que nós estabeleceremos as bases

* Improviso.

que iremos continuar trilhando, o caminho da nossa administração voltada para o cumprimento do dever e conscientes das grandes responsabilidades que pesam sobre nossos ombros.

A região da Alta Mogiana é um exemplo extraordinário para este País. Não só exemplo, ela é um orgulho para o Brasil. Como disse o deputado João Cunha, ela lidera alguns setores como o de maior produção. É a maior produtora de açúcar, é a maior produtora de álcool, é a maior produtora de grãos, não só de São Paulo como do Brasil.

Na Alta Mogiana 12% do Produto Interno Bruto estão concentrados. A Alta Mogiana tem hoje também uma vanguarda tecnológica que assegura não somente uma economia voltada para o presente, como também uma economia voltada para o futuro, porque todos nós sabemos que o futuro será, sem dúvida, dos países que dominarem tecnologias. A Alta Mogiana está se capacitando cada vez mais para dominar essas tecnologias que melhoram as suas culturas tradicionais, melhoram as indústrias, melhoram as suas técnicas de comércio e, ao mesmo tempo, criar recursos humanos extraordinários, recursos humanos estes que estão na sociedade, nas universidades e na formação dos 60 mil jovens que freqüentam as universidades daquela área.

No município, nas cidades, estão as bases da nossa nacionalidade, não é no território abstrato da União que elas se localizam. É aí no município que estão as fontes mais legítimas do nosso País, através das tradições, através dos laços de família que aí se constroem, se desenvolvem, pelo trabalho, através das indústrias, enfim, do complexo que faz com que a vida municipal, somada no seu conjunto, possa oferecer à paisagem deste País, que é sem dúvida um país que tem potencialidades e tem um lugar destinado e certo a ocupar no futuro. E já ocupa no presente.

Nós tivemos um ano de 87 que todos nós dissemos que era um ano de grandes dificuldades. Mas, nesta década, o ano de 87, que nos pareceu de tantas dificuldades, foi muito melhor do que todos os anos desta década que antecederam ao meu Governo. Não há nenhum índice, entre 80 e 84, que possa se comparar aos índices de 87. Nos

três anos de governo nós conseguimos, vencendo todos os desafios, que o Brasil voltasse a crescer, e cresceu 21,7% nestes três anos.

Nós tínhamos o compromisso de enfrentar o problema do desemprego. E a taxa de desemprego, que naquele ano em que assumi o Governo era de 9%, caiu para uma taxa residual de cerca de 4%. O que foi uma grande vitória. E no mundo quase todas as nações enfrentaram problemas de recessão, enfrentaram problemas econômicos — e outro dia eu aqui repetia que a crise econômica mundial é tão forte, hoje, que abalou aquelas poderosas fortalezas inexpugnáveis dos países desenvolvidos e representativas da sua estabilidade, que eram as bolsas de Tóquio, de Londres, de Paris e de Nova Iorque. Nós conseguimos, mesmo num ano difícil, terminar o ano com o País crescendo, a taxa de desemprego baixando, e conseguimos a maior safra agrícola da história do Brasil. Isto mostra, sem dúvida, que há por trás dos problemas uma estrutura extraordinária e definitiva, econômica, do País que pode vencer dificuldades e que pode vencer problemas.

Nós conseguimos, no ano passado, repetir o feito de termos o terceiro saldo comercial do mundo inteiro. Depois do Japão e da Alemanha Ocidental, o terceiro foi o saldo comercial do Brasil.

Por que isto acontece? Porque o Brasil não é mais um País que dependa de outras nações para que possa caminhar com os seus próprios pés. O Brasil já tem uma estrutura poderosa formada pelas brasileiras e pelos brasileiros que, dia e noite, no seu trabalho, constroem esta grande Nação. O Brasil — eu tenho dito — não é feito pelo Presidente da República, não é ele quem faz o País. Quem faz o País somos todos nós. Quem faz o Brasil são os senhores e as senhoras. Essa gente da Alta Mogiana que eu tive a oportunidade de visitar e de ver a revolução que ali se desenvolve através do trabalho do homem.

Lembro-me bem, quando visitei Ribeirão Preto. E tive a oportunidade também de dizer algumas palavras. A primeira delas era de tranquilizar a área, de que o Governo não iria, de nenhuma maneira, modificar o Programa do Alcool. Que nós iríamos continuar com o Programa do Ál-

cool, uma atividade tão fundamental para aquela região. E depois, tive a oportunidade também de dizer — e atravessávamos grandes problemas, naquele instante, como bem ressaltou o deputado João Cunha —, ressaltava que aquela região foi descoberta e foi povoada por esses homens de que ele falou, com botas de couro, que, abrindo veredas, derrubando matas, domando estradas, domando terras, pelo seu trabalho e pelo seu sacrifício, sem assistência de nada, sem a presença de nenhum socorro, eles foram capazes de vencer todas as dificuldades e edificar uma região que hoje é a região que representa o maior celeiro nacional em matéria de produção de grãos.

Ora, se nossos antepassados, aqueles que ocuparam a Alta Mogiana — dizia eu — foram capazes de fazer este milagre, nós, que hoje temos já construída uma grande parte deste País, seremos nós que não temos a coragem de prosseguir nesta aventura fabulosa do homem brasileiro que fez o Brasil; seremos nós que, em vez de tecer o tecido do progresso iremos ficar lamentando, protestando, semeando a desesperança, pregoeiros da desgraça e da catástrofe? O povo brasileiro não foi feito para isto. O povo brasileiro, e sobretudo o povo do interior, é um povo que sabe o valor do trabalho. Eu tenho procurado ser o Presidente que tem valorizado as comunidades do interior. Tenho procurado, até mesmo nas minhas visitas, ir ao interior do Brasil para mostrar as nossas raízes, as nossas fontes de onde nasce a grande força que no conjunto constitui a força do Brasil.

Eu quero agradecer esta visita. Quero desejar aos senhores e às senhoras felicidades pessoais. E, já que estamos no limiar de um novo ano, saudar a todos, desejando que este ano seja um ano de paz, aquela paz interior que faz com que cada um de nós possa ter aspiração da sua própria felicidade. Que seja um ano de progresso para nós todos. Que seja um ano bom para o Brasil, que seja um ano de alegria para o povo brasileiro na sua totalidade.

Eu agradeço também as generosas palavras do senhor prefeito Daher e do vereador Dácio Campos.

E quero dizer que sou muito grato ao deputado João Cunha, esta liderança forte, este talento político e talento

também para as coisas do espírito, um homem capaz de se apaixonar até aquela raiva santa que têm os idealistas, e também capaz de sentir as coisas mais simples, e ter sensibilidade, virtudes humanas para sentir as coisas mais belas do espírito.

Dizer que as reivindicações que aqui me foram trazidas elas serão analisadas, meditadas, e para mim constituem um grande subsídio para a atividade do Governo.

Quero dizer que começamos o ano com grandes esperanças e com alguns anúncios de que as coisas tendem cada dia mais a melhorar sem milagres repentinos.

Tivemos no ano passado, sem dúvida, um ano atípico. Saímos do esforço extraordinário que foi feito numa tentativa de rompermos e criarmos uma nova vivência para o País na área econômica, que foi o Plano Cruzado. Teve seus resultados. Vai ser estudado, ao longo da história do Brasil, analisado, e será um exemplo daquilo que pode ser feito, deve ser feito, e daquilo que não deve ser feito. Mas que infelizmente ele sofreu o combate, como aqui foi dito, de forças radicais que iniciaram cerca de 2 mil greves, procurando fazer reivindicações impossíveis, aumentando além do que podíamos pagar, criando demandas que nós não podíamos cumprir, e ao mesmo tempo paralisando setores importantes da economia, criando o desabastecimento.

E, por outro lado, tivemos a presença do especulador, aquele que tinha sido marginalizado pelo processo, que passou a trabalhar contra o Plano Cruzado. E estas duas forças que são antagônicas se uniram, e de certo modo conseguiram criar uma frustração que foi a frustração do Plano Cruzado.

No ano passado tivemos as águas revoltas que eram as de conseguir equilibrar os preços relativos. E foram dias difíceis. Dias duros, em que tive de tomar providências, as mais duras — eu sei que as tomei — no que se refere ao setor econômico, no que se refere a uma política monetária, porque, se não o fizéssemos, o País cairia numa superinflação, e aí então numa desorganização completa da economia. E foi um ano de tentar colocar as águas revoltas

dentro do leito. Paguei caro. E eu sabia, desde o dia em que assinei o Plano Cruzado, que a minha cabeça estaria à prova dos resultados que nós teríamos.

Mas o meu dever, acima de tudo, me dá a tranqüilidade de saber que estou fazendo aquilo tudo que se pode fazer, com desprendimento, com idealismo, com coragem, em benefício do nosso País e de nossa Pátria.

Um ano de ajustamento gerou sofrimentos na classe empresarial, na pequena empresa da qual ouvi também referência, e sei que a pequena empresa sofreu bastante, e sofre bastante ainda, também na área da média e da grande empresa; os trabalhadores também tiveram problemas, mas eu devo lembrar que a minha preocupação de defendê-los contra o processo inflacionário era muito grande, e sempre foi uma permanência nas nossas decisões, de tal modo que, quando eu assumi, as correções de salário em relação à inflação eram feitas de seis em seis meses. Agora passaram a ser justamente mensais, para defender o assalariado contra a deterioração maior do seu salário. E mesmo em 87, que foi um ano difícil, não há deterioração de salário igual a qualquer um dos anos anteriores ao meu Governo.

Por outro lado, há um clima de liberdade no País, a luta para implantarmos a democracia, concluirmos a transição. No primeiro ano tivemos eleições para os municípios das capitais, municípios de segurança nacional; no segundo ano, eleições para deputado, governador, senador. No terceiro ano, Assembléia Nacional Constituinte que permanentemente coloca o País, como é natural, num debate político de tamanha magnitude. Este ano vamos ter, já marcadas, as eleições municipais. Enfim, isto tudo está sendo feito dentro de um clima de liberdade, de um clima de paz, e sobretudo num clima em que ninguém pode dizer que não teve direito ou foi restrito o seu direito de opinar, de discutir e de participar. A sociedade brasileira hoje participa.

Eu talvez tenha falado um pouco mais do que devia, numa simples e tão honrosa audiência. Mas é que eu sei, porque eu conheci a região dos senhores, eu sei a responsabilidade dos senhores. Eu sei o que os senhores representam para o Brasil.

Então o Presidente do Brasil tem o dever de procurar prestar contas quando tem a oportunidade de receber tão significativas lideranças do seu País.

Mais uma vez eu agradeço a todos, agradeço mais uma vez ao deputado João Cunha, que tem prestado relevantes serviços ao País e que foi prestar ainda a gentileza de ser o promotor desta nossa reunião.

E quero terminá-la com o voto da mesma fé que eu sempre tenho demonstrado no Brasil: nós não devemos ter pessimismo. Devemos ter a coragem de enfrentar problemas. A coragem que tiveram os pioneiros que fizeram Mogiana. Porque a história do homem é a história da coragem.